

as sombras eternas
as crônicas da companhia negra
glen cook

Tradução de Renato Carreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para David G. Hartwell.

Sem ele, não existiriam Sword, Dread Empire ou Starfishers.

Capítulo Um

ZIMBRO



DIZEM OS SÁBIOS QUE TODOS OS HOMENS NASCEM CONDENADOS. Todos mamam na teta da Morte. Todos se curvam perante essa Rainha Silenciosa. Essa Senhora Sombria ergue um dedo. Uma pena flutua até ao chão. Não há razão na Sua canção. Os bons partem jovens. Os malvados prosperam. É a Rainha dos Senhores do Caos. O Seu fôlego silencia todas as almas.

Encontrámos uma cidade dedicada ao Seu culto, há muito, mas era tão velha que perdera essa dedicação. A majestade sombria da sua divindade esfarrapara-se, fora esquecida por todos menos aqueles que se abrigam na Sua sombra. Mas Zimbro enfrentava um medo mais imediato, um espectro de antanho que se infiltra no presente numa elevação com vista para a cidade. E, por isso, a Companhia Negra foi lá, àquela cidade estranha muito além das fronteiras do império da Senhora... Mas isto não é o início. No início, estávamos muito longe. Só dois velhos amigos e um punhado de homens que conheceríamos mais tarde se erguiam cara a cara com a sombra.

NA ESTRADA DA CONTA



AS CABEÇAS DAS CRIANÇAS ESPREITAVAM DAS ERVAS COMO cabeças de marmota. Olharam para os soldados que se aproximavam. O rapaz sussurrou:
— Serão uns mil.

A coluna alongava-se a grande distância. O pó que a sua passagem levantava subia pela encosta de uma colina distante. O chiar e o tilintar de arreios tornaram-se cada vez mais sonoros.

O dia estava quente. As crianças transpiravam. Os seus pensamentos deambulavam até um ribeiro próximo e um mergulho num charco que aí encontraram. Mas tinham sido enviados para vigiar a estrada. Os rumores diziam que a Senhora pretendia esmagar o renascido movimento Rebelde na província da Conta.

E ali vinham os soldados dela. Mais próximos. Homens de aspeto severo e duro. Veteranos. Facilmente teriam idade suficiente para ajudar a criar o desastre que se abatera sobre os Rebeldes seis anos antes, ceifando, entre um quarto de milhão de homens, os seus pais.

— São eles! — exclamou o rapaz. Medo e espanto inundavam-lhe a voz. Uma admiração reticente era perceptível como fundo. — É a Companhia Negra.

A rapariga não era nenhuma estudiosa do inimigo.

— Como sabes?

O rapaz apontou para um homem grande como um urso sobre um cavalo ruão maciço. Tinha cabelo grisalho. O seu porte era de alguém habituado a comandar.

— Chamam àquele Capitão. O negro pequeno a seu lado será o feiticeiro chamado Zarolho. Vês o chapéu que traz? É assim que se percebe. Os que vêm atrás deles serão o Elmo e o Tenente.

— Vem com eles algum dos Tomados? — A rapariga ergueu-se mais para ver melhor. — Onde estão os outros famosos? — Era a mais nova. O rapaz, com dez anos, já se considerava um soldado da Rosa Branca.

Puxou a irmã para baixo.

— Estúpida! Queres que te vejam?

— E se virem?

O rapaz não conseguiu esconder o seu escárnio. A irmã tinha acreditado no seu tio Limpo quando este lhes contou que o inimigo não faria mal a crianças. O rapaz odiava o seu tio. Era um homem sem espinha.

Ninguém que jurasse fidelidade à Rosa Branca tinha espinha. Limitavam-se a fingir que combatiam a Senhora. A coisa mais ousada que tinham feito fora emboscar mensageiros ocasionais. O inimigo tinha coragem, pelo menos.

Tinham visto o que tinham sido enviados para ver. O rapaz tocou o pulso da irmã.

— Vamos.

Correram através das ervas em direção à margem arborizada do ribeiro.

Uma sombra atravessava-se no seu caminho. Olharam para cima e empalideceram. Três cavaleiros olhavam-nos fixamente, do alto. O rapaz abriu a boca de espanto. Ninguém teria conseguido subir sem ser ouvido...

— Duende!

O homem baixo com cara de rã no centro sorriu.

— Ao teu serviço, rapazola.

O rapaz ficou aterrorizado, mas a sua mente permanecia funcional. Gritou:

— Foge! — Se um deles conseguisse escapar.

O Duende fez um gesto circular. Fogo rosa-pálido saiu-lhe dos dedos. Fez um movimento de arremesso. O rapaz tombou, lutando contra correias invisíveis como uma mosca presa numa teia de aranha. A sua irmã choramingava a uns quatro metros.

— Apanhem-nos — disse o Duende aos seus companheiros. — Terão uma história interessante para contar.

ZIMBRO: O LÍRIO DE FERRO



OLÍRIO SITUA-SE NA VEREDA FLORAL, NO CENTRO DO Coturno, o bairro mais miserável de Zimbro, onde o sabor da morte paira em cada língua e onde os homens dão menos valor à vida do que a uma hora de calor e a uma refeição decente. A sua fachada encosta-se contra a casa à sua direita, tentando apoiar-se como um dos seus clientes embriagados. A traseira deforma-se na direção oposta. O revestimento de madeira simples ostenta manchas leprosas de putrefação cinzenta. As suas janelas estão entabuadas com restos de madeira e seladas com trapos. No telhado, há buracos por onde o vento uiva e morde quando sopra dos Montes Wolander. Aí, mesmo nos dias de verão, os glaciares cintilam como veios de prata distantes.

Os ventos marinhos são pouco melhores. Trazem um frio húmido que rói os ossos e faz placas de gelo libertarem-se e atravessarem o porto.

Os braços toscos dos Wolanders alongam-se para sul, flanqueando o Rio Porto e formando mãos em concha onde se aninham a cidade e o porto. A cidade alonga-se junto ao rio, subindo às alturas de cada lado.

A riqueza elevava-se em Zimbro, erguendo-se para longe do rio. As gentes do Coturno, quando erguem os olhos da sua miséria, veem as casas dos ricos no alto, de narizes empinados, entreolhando-se de lados opostos do vale.

A maior altura ainda, nos cumes, há dois castelos. Sobre o cume sul, ergue-se Duretile, bastião hereditário dos duques de Zimbro. Duretile encontra-se em degradação escandalosa. Como quase todas as construções de Zimbro.

Abaixo de Duretile, situa-se o fulcro da devoção de Zimbro, a Cerca, por baixo da qual ficam as Catacumbas. Aí repousa meia centena de gerações, esperando o Dia da Passagem, guardados pelos Custódios dos Mortos.

No cume norte, ergue-se uma fortaleza inacabada com a designação simples de castelo negro. A sua arquitetura é bizarra. Monstros grotescos espreitam das suas ameias. Serpentes contorcem-se em agonias paralisadas sobre as suas muralhas. Não existem linhas de junção de pedras no material semelhante a obsidiana. E o sítio cresce.

O povo de Zimbro ignora a existência do castelo e o seu crescimento. Não querem saber o que acontece lá em cima. Raramente têm tempo para suspender a sua luta pela sobrevivência e erguer os olhos tão alto.

EMBOSCADA NA CONTA



TIREI UM SETE DO BARALHO, ABRI AS CARTAS EM LEQUE, DESCARTEI um terno e fitei um ás solitário. À minha esquerda, o Penhorista murmurou:

— Já está. Tem a vitória na mão.

Olhei-o com curiosidade.

— Que te faz dizer isso?

Tirou uma carta do baralho, praguejou e descartou.

— Ficas com a cara fria como a de um cadáver quando sentes que vais ganhar, Físico. Os olhos também.

O Rebuçado foi buscar uma carta, praguejou e descartou um cinco.

— Ele tem razão, Físico. Ficas tão impossível de ler que te tornas legível. Vamos, Otto.

Otto olhou para a sua mão. A seguir, olhou o baralho como se conseguisse invocar a vitória das mandíbulas da derrota. Tirou uma carta.

— Merda. — Descartou a carta que tirou, uma carta nobre. Mostrei-lhes o meu ás e recolhi os meus ganhos.

O Rebuçado olhou-me sobre o ombro enquanto Otto juntava as cartas. Os seus olhos estavam duros e frios.

— Que é? — perguntei.

— O nosso anfitrião tenta ganhar coragem. Procura uma forma de sair para os avisar.

Virei-me. Os outros fizeram o mesmo. Um a um, o taberneiro e os seus clientes baixaram os olhos e encolheram-se. Todos menos o homem alto e moreno que se sentava sozinho nas sombras perto da lareira. Piscou

o olho e ergueu uma caneca como se fizesse um brinde. Franzi a testa. A resposta dele foi um sorriso.

Otto deu as cartas.

— Cento e noventa e três — disse eu.

— Maldito sejas, Físico — disse o Rebuçado, de sobrolho carregado, com voz fria. Tinha-me ocupado a contar jogos. Eram movimentos perfeitos dos ponteiros dos relógios das nossas vidas enquanto irmãos da Companhia Negra. Tinha jogado mais de dez mil jogos desde a batalha de Encanto. Só os deuses saberiam quantos joguei antes de começar a contá-los.

— Parece-vos que sabem de nós? — perguntou o Penhorista. Estava nervoso. A espera faz isso.

— Não vejo como. — O Rebuçado ordenou as suas cartas com cuidado exagerado. Sinal evidente de bom jogo. Tinha qualquer coisa boa. Voltei a examinar as minhas. Vinte e um. Talvez me queimasse, mas era a melhor maneira de o travar... Pousei as cartas na mesa.

— Vinte e um.

— Filho da puta — exclamou Otto. Pousou uma mão forte para jogo baixo. Mas tinha um total de vinte e dois por culpa de uma carta nobre. O Rebuçado tinha três noves, um ás e um terno. Sorrindo, voltei a recolher os ganhos.

— Se ganhares o próximo, vamos revistar-te as mangas — resmungou o Penhorista. Juntei as cartas e comecei a baralhar.

As dobradiças da porta dos fundos chiaram. Todos estacaram e olharam fixamente a porta da cozinha. Homens moveram-se atrás dela.

— Madle! Onde raio estás?

O taberneiro olhou para o Rebuçado e desesperou. O Rebuçado fez-lhe sinal. O taberneiro respondeu:

— Aqui, Limpo.

— Continuem a jogar — sussurrou o Rebuçado. Comecei a dar cartas.

Um homem de quarenta anos saiu da cozinha. Seguiram-se outros. Todos se vestiam de camuflado. Traziam bestas às costas. O Limpo disse:

— Devem ter apanhado os miúdos. Não sei como, mas... — Viu alguma coisa nos olhos de Madle. — Que se passa?

Tínhamos intimidado suficientemente Madle. Não nos denunciou.

Olhando para as minhas cartas, puxei pelo meu tubo de mola. Os

meus companheiros fizeram o mesmo. O Penhorista descartou a carta que tinha ido buscar, um duque. Costuma tentar manter uma mão baixa. A jogada traía os nervos que sentia.

O Rebuçado pegou na carta descartada e pousou na mesa uma sequência de ás-duque-terno. Descartou um oito.

Um dos companheiros do Limpo lamuriou-se:

— Bem te disse que não devíamos ter enviado miúdos. — Parecia o reatar de uma discussão antiga.

— Não preciso de «bem-te-disses» — rosnou o Limpo. — Madle, convoquei uma reunião. Teremos de dispersar as forças.

— Não temos certezas, Limpo — disse outro dos homens verdes. — Sabes como são os miúdos.

— Enganas-te a ti mesmo. Os cães da Senhora seguem-nos o rasto.

O das lamúrias disse:

— Bem te disse que não devíamos ter atacado aqueles... — Calou-se, percebendo, tarde demais, que havia desconhecidos presentes e que todos os clientes habituais estavam com má cara.

O Limpo levou a mão à espada.

Eram nove, contando com Madle e com alguns clientes que se envolveram. O Rebuçado virou a mesa das cartas. Pressionámos os gatilhos dos nossos tubos de mola. Quatro dardos envenenados atravessaram a taberna. Desembainhámos as espadas.

Durou segundos.

— Estão todos bem? — perguntou o Rebuçado.

— Tenho um arranhão — disse Otto. Examinei-o. Não era motivo de preocupação.

— Volta para trás do balcão, amigo — disse o Rebuçado a Madle, que tinha sido poupado. — Os outros todos, arrumem este sítio. Penhorista, vigia-os. Se pensarem em sair da linha, mata-os.

— Que faço com os corpos?

— Atira-os ao poço.

Voltei a levantar a mesa, sentei-me e desdobrei uma folha de papel. Continha um rabisco da hierarquia de comando dos insurgentes na Conta. Risquei o LIMPO. Estava a meio da hierarquia.

— Madle — disse. — Vem cá.

O taberneiro aproximou-se com a vontade de um cão chamado para receber açoitões.

— Tem calma. Vais safar-te, se colaborares. Diz-me quem eram aqueles homens.

Hesitou. Previsivelmente.

— Só os nomes — disse-lhe eu. Ele olhou para o papel e franziu a testa. Não sabia ler. — Madle? Num poço cheio de cadáveres, não haverá muito espaço para nadar.

Ele engoliu em seco e olhou em redor. Vi o homem perto da lareira. Não se tinha movido durante o confronto. E continuava a olhar com aparente indiferença.

Madle disse nomes.

Alguns estavam na minha lista e outros, não. Supus que os que não estavam seriam meros soldados. As forças na Conta tinham sido bem medidas.

O último cadáver foi levado. Passei a Madle uma moeda de ouro pequena. Ele arregalou os olhos. Os seus clientes fixaram nele olhares pouco amistosos. Eu sorri.

— Por serviços prestados.

Madle empalideceu e fitou a moeda. Era um beijo de morte. Os seus clientes julgariam que tinha ajudado a preparar a emboscada.

— Percebido — sussurrei. — Queres sair disto com vida?

Olhou-me com medo e ódio.

— Quem raio são vocês? — perguntou com um sussurro irado.

— A Companhia Negra, Madle. A Companhia Negra.

Não sei como consegui, mas empalideceu mais ainda.

ZIMBRO: MARRON CABANA



O DIA ESTAVA CINZENTO E HÚMIDO, SILENCIOSO, ENEVOADO e sombrio. A conversa no Lírío de Ferro reduzia-se a monossílabos abatidos murmurados diante de uma fogueira minúscula.

A seguir, começou a choviscar, correndo as cortinas do mundo. Formas castanhas e cinzentas encolhiam-se, sem ânimo, ao longo da rua suja e enlameada. Era um dia arrancado ao ventre do desespero, completamente formado. Dentro do Lírío, Marron Cabana ergueu os olhos da caneca que limpava. Chamava-lhe «tisar o pó». Ninguém usava a sua louça reles porque ninguém comprava o seu vinho azedo barato. Ninguém podia pagá-lo.

O Lírío ficava no Sul da Vereda Floral. O balcão de Cabana ficava virado para a porta, a seis metros de distância, nas sombras da taberna. Um aglomerado de mesas minúsculas, cada uma com o seu rebanho de bancos instáveis, constituía um labirinto perigoso para o cliente encandeado pelo sol. Meia dúzia de pilares de suporte toscamente erguidos eram obstáculos adicionais. As traves do teto eram demasiado baixas para um homem adulto. As tábuas do soalho estavam estaladas, tortas e chiavam quando pisadas. Qualquer coisa que se entornasse escorria pela inclinação abaixo.

As paredes estavam decoradas com bugigangas velhas deixadas por clientes e não significavam nada para quem entrasse agora. Marron Cabana era preguiçoso demais para as limpar ou para as tirar das paredes.

A taberna formava um L à volta do fundo do seu balcão, passando a lareira, perto do sítio onde ficavam as melhores mesas. Além da lareira, nas sombras mais profundas, a um metro da porta da cozinha, ficava o fundo de uma escadaria que subia para os quartos.

Um homem baixo e magro entrou nesse labirinto escuro. Carregava um molho de lenha.

— Cabana? Posso?

— Raios. Porque não, Asa? Todos ganhamos com isso. — A fogueira tinha-se reduzido a uma pilha de cinza.

Asa avançou até à lareira. O grupo diante do fogo abriu caminho, contrariado. Asa sentou-se ao lado da mãe de Cabana. A velha June era cega. Não percebeu quem se sentava a seu lado. Asa pousou o molho diante de si e começou a remexer nas brasas.

— Nada para o porto hoje? — perguntou Cabana.

Asa abanou a cabeça.

— Não chegou nada. Não parte nada. Só tinham cinco trabalhos. Descarregar carroças. As pessoas lutavam por eles.

Cabana acenou com a cabeça. Asa não era um lutador. E também não gostava de trabalho honesto.

— Amorosa, uma caneca para o Asa. — Cabana gesticulou enquanto falava. A sua criada pegou na caneca velha e levou-a até à lareira.

Cabana não gostava do homenzinho. Era um trapaceiro, um ladrão, um mentiroso, um caloteiro. Do tipo que venderia a própria irmã por um par de gersh de cobre. Lamuriava-se, queixava-se e era um covarde. Porém, tornara-se um projeto para Cabana, que beneficiaria também com um pouco de caridade. Asa era um dos vagabundos que Cabana deixava dormir na taberna quando traziam lenha para a fogueira. Deixar que ocupassem o chão não punha dinheiro na caixa, mas assegurava algum calor aos ossos artríticos de June.

Encontrar lenha gratuita em Zimbro durante o inverno era mais difícil do que encontrar trabalho. Cabana divertia-se com a determinação de Asa para se esquivar a um emprego honesto.

O crepitar do fogo anulou o silêncio. Cabana pousou o trapo sujo. Ergueu-se atrás da sua mãe, estendendo as mãos para o calor. As unhas tinham começado a doer-lhe. Não se apercebera do frio que sentia.

Seria um inverno longo e frio.

— Asa, tens uma fonte regular de lenha? — Cabana não tinha

dinheiro para combustível. Naqueles dias, a lenha era trazida de barca do porto, rio acima. Era cara. Na sua juventude...

— Não. — Asa olhou fixamente para as chamas. Aromas a pinho espalharam-se pelo Lírío. Cabana preocupou-se com a chaminé. Outro inverno de aparas de pinheiro e não tinha mandado limpar a chaminé. As chamas pela chaminé acima poderiam destruí-lo.

As coisas tinham de se inverter em breve. Tinha passado o limite, acumulando dívida até às orelhas. Estava desesperado.

— Cabana.

Olhou para as mesas, vendo aí o seu único cliente pagante.

— Corvo?

— Outra, por favor.

Cabana olhou para a Amorosa. Tinha desaparecido. Praguejou em voz baixa. Seria inútil gritar. A rapariga era surda. Precisava de comunicar por gestos. Uma limitação, pensou quando o Corvo sugeriu que a contratasse. Inúmeros segredos eram sussurrados no Lírío. Pensou que mais clientes viriam sussurrar se pudessem falar sem medo de serem ouvidos.

Cabana acenou com a cabeça e alcançou a caneca do Corvo. Não gostava do Corvo, em parte porque tinha sucesso no jogo de Asa. O Corvo não tinha forma de sustento visível, mas, mesmo assim, tinha sempre dinheiro. Também não gostava dele porque o Corvo era mais jovem, mais duro e mais saudável do que o resto dos clientes do Lírío. Era uma anomalia. O Lírío ficava ao fundo do Coturno, perto do porto. Atraía todos os bêbedos, as pegas gastas, os drogados, os destroços humanos que chegavam àquele último refúgio antes que a escuridão os arrastasse. Por vezes, Cabana preocupava-se, temendo que o seu Lírío precioso não passasse de uma última paragem antes do fim.

O Corvo não pertencia ali. Podia pagar melhor. Cabana desejava ter a coragem de o pôr na rua. O Corvo arrepiava-o, sentado na sua mesa ao canto, com os olhos mortos cravando estacas férreas de suspeição em todos os que entravam na taberna, limpando incessantemente as unhas com uma faca afiada como uma lâmina de barba e proferindo escassas palavras frias e monocórdicas sempre que alguém pensava em arrastar a Amorosa para os quartos... Isso confundia Cabana. Mesmo não havendo uma ligação óbvia, o Corvo protegia a rapariga como se fosse a sua filha donzela. Para que raio servia uma galdéria de taberna, afinal?

Cabana estremeceu e afastou esse pensamento da cabeça. Precisava

do Corvo. Precisava de todos os clientes pagantes que conseguisse encontrar. Sobrevivia à justa.

Levou a caneca de vinho. O Corvo largou-lhe três moedas na palma da mão. Uma era uma leva de prata.

— Senhor?

— Compra lenha decente, Cabana. Se quisesse congelar, ficaria lá fora.

— Sim, senhor! — Cabana dirigiu-se à porta e espreitou a rua. A serração de Latham ficava a um mero quarteirão de distância.

Os chuviscos tornaram-se uma chuva gelada. A lama na vereda endurecia.

— Vai nevar antes que anoiteça — informou ninguém em particular.

— Entra ou sai — rosnou o Corvo. — Não desperdices o pouco calor que há.

Cabana saiu. Esperou chegar até Latham antes que o frio começasse a doer.

Formas surgiram entre o gelo. Um gigante entre elas. Ambas curvadas para diante, com trapos à volta dos pescoços para impedir que o gelo lhes escorresse pelas costas abaixo.

Cabana voltou a entrar apressadamente no Lírio.

— Saio por trás. — Gesticulou: — Amorosa, vou sair. Não me vêes desde esta manhã.

— Krage? — gesticulou a rapariga.

— Krage — admitiu Cabana. Entrou na cozinha a correr, tirou o casaco esfarrapado do cabide e enfiou-o. Só à segunda tentativa conseguiu abrir o fecho da porta.

Um sorriso malévolos a que faltavam três dentes saudou-o enquanto saía para o frio. Um hálito peçonhento atacou-lhe as narinas. Um dedo imundo espetou-se no seu peito.

— Vais a algum lado, Cabana?

— Olá, Ruivo. Ia só buscar lenha ao Latham.

— Não vais. — O dedo empurrou. Cabana recuou até regressar ao interior da taberna.

Transpirando, perguntou:

— Caneca de vinho?

— És muito amável, Cabana. Três.

— Três? — guinchou a voz de Cabana.

— Não me digas que não sabias que o Krage vem a caminho.

— Não sabia — mentiu Cabana.

O sorriso desdentado do Ruivo dizia-lhe que sabia que Cabana mentia.

CONFUSÃO NA CONTA



MESMO COM O MÁXIMO ESFORÇO, HÁ SEMPRE ALGO QUE corre mal. É assim a vida. Quem for esperto preparar-se-á para isso.

De alguma forma, alguém conseguiu escapar da taberna de Madle, provavelmente o vigésimo quinto Rebelde que caiu na nossa teia, quando parecia que o Limpo nos tinha feito um grande favor, convocando a hierarquia local para uma conferência. Olhando para trás, é difícil atribuir culpas. Todos fizemos o nosso trabalho, mas há limites para a capacidade de alerta de alguém que está numa situação de grande tensão. O homem que desapareceu terá passado horas a planejar a fuga. Só demos pela sua ausência muito tempo depois.

Foi o Rebuçado quem percebeu. Atirou as cartas no fim de um jogo e disse:

— Falta-nos um corpo, soldados. Um daqueles criadores de porcos. O baixote que *parecia* um porco.

Eu conseguia ver a mesa pelo canto do olho. Grunhi.

— Tens razão. Maldito seja. Devia tê-los contado depois de cada ida ao poço.

A mesa ficava atrás do Penhorista. Não se virou. Esperou pelas cartas e foi até ao balcão de Madle, comprando um jarro de cerveja. Enquanto o seu número distraía os locais, fiz gestos rápidos com os dedos em linguagem de surdos.

— Preparem-se para um ataque. Sabem quem somos. Falei demais.

Éramos uma presa que os Rebeldes muito queriam. A Companhia

Negra conquistara uma reputação abrangente como bem-sucedida erradicadora da pestilência Rebelde, onde quer que surgisse. Mesmo que não sejamos tão ferozes como se dizia, a notícia dos nossos ataques semeava terror onde quer que fôssemos. Os Rebeldes escondem-se com frequência, abandonando as suas operações quando chegamos.

Apesar disso, ali estávamos os quatro, separados dos nossos companheiros, obviamente sem sabermos que corríamos perigo. Tentariam. Restava saber com que empenho.

Tínhamos cartas na manga. Nunca fazemos jogo limpo se o pudermos evitar. A filosofia da Companhia é maximizar a eficiência e minimizar o risco.

O homem alto e moreno ergueu-se, saiu da sua sombra e dirigiu-se à escada para os quartos.

— Olho nele — disse subitamente o Rebuçado. Otto apressou-se a segui-lo, parecendo débil por comparação com o homem. Os locais observaram, intrigados.

O Penhorista perguntou por gestos:

— E agora?

— Esperamos — disse o Rebuçado em voz alta, acrescentando com gestos: — Fazemos o que nos mandaram fazer.

— Não é muito divertido ser isco — respondeu o Penhorista também com gestos. Fixou um olhar nervoso nas escadas. — Dá cartas ao Otto — sugeriu.

Olhei para o Rebuçado. Acenou afirmativamente.

— Porque não? Dá-lhe um dezassete. — Otto pousava sempre as cartas na mesa se tivesse menos de vinte. Seria uma boa aposta.

Calculei rapidamente as cartas na minha cabeça e sorri. Podia dar-lhe um dezassete e ter cartas baixas suficientes para dar aos restantes mãos que o queimassem.

— Dá-me essas cartas.

Procurei rapidamente no baralho, construindo cada mão.

— Pronto.

Ninguém tinha cartas acima de cinco, mas a mão de Otto tinha cartas mais altas do que as dos outros.

O Rebuçado sorriu.

— Sim.

Otto não voltou. O Penhorista disse:

— Vou subir para ver.

— Está bem — replicou o Rebuçado. Foi buscar uma cerveja para si. Olhei para os locais. Começavam a ficar com ideias. Olhei fixamente para um e abanei a cabeça.

O Penhorista e Otto voltaram um minuto depois, precedidos pelo homem moreno, que regressou à sua sombra. O Penhorista e Otto pareceram aliviados. Sentaram-se para jogar.

Otto perguntou:

— Quem deu?

— O Rebuçado — disse eu. — Joga.

Pôs as cartas na mesa.

— Dezassete.

— Eh, eh, eh — repliquei. — Queimei-te. Quinze.

E o Penhorista disse:

— Apanhei-vos aos dois. Catorze.

E o Rebuçado:

— Catorze. Está a doer-te, Otto.

Ficou ali sentado, atordoado, durante vários segundos. A seguir, percebeu.

— Cabrões! Escolheram as cartas. Acham que não me vão pagar por...

— Calma. Foi uma piada, rapaz — disse o Rebuçado. — Uma piada. Seja como for, era a tua vez de dar. — As cartas circularam e a escuridão veio. Não chegaram mais insurgentes. Os locais inquietaram-se mais ainda. Alguns preocupavam-se com as suas famílias, com o atraso no regresso a casa. Como no resto do mundo, a gente da Conta preocupava-se apenas com as suas vidas. Tanto lhes faz que a vitória pertença à Rosa Branca ou à Senhora.

A minoria de simpatizantes Rebeldes preocupava-se com o momento em que o ataque viria. Receavam ser apanhados no fogo cruzado.

Fingimos ignorância.

O Rebuçado gesticulou:

— Quais são os perigosos?

Conferenciámos e escolhemos três homens que poderiam vir a ser problemáticos. O Rebuçado ordenou a Otto que os prendesse às cadeiras.

Os locais aperceberam-se de que sabíamos o que esperar, de que estávamos preparados. Não particularmente ávidos pelo que viria, mas preparados.

Os atacantes esperaram pela meia-noite. Eram mais cautelosos do que os Rebeldes que costumávamos encontrar. Talvez a nossa reputação fosse *demasiado* terrível...

Entraram de repente. Disparámos os nossos tubos de mola e começámos a bater espadas, retirando-nos para um canto longe da lareira. O homem alto olhou com indiferença.

Os Rebeldes eram muitos. Muitos mais do que tínhamos previsto. Não paravam de avançar, amontoando-se, atrapalhando-se, pisando os cadáveres dos seus camaradas.

— Bela armadilha — exclamei. — Serão uns cem.

— Sim — disse o Rebuçado. — Não parece bem. — Pontapeou um homem entre as pernas e cortou-o quando ele se cobriu com as mãos.

Insurgentes enchiam o sítio de parede a parede e, avaliando pelo ruído, haveria muitos mais lá fora. Alguém não queria que escapássemos.

Era esse o plano.

Inflei as narinas. Havia um odor no ar, um indício muito vago, subtil sob o fedor a medo e a suor.

— Cubram-se! — gritei, puxando um pedaço de lã húmida da bolsa no meu cinto. Tresandava pior do que uma doninha fedorenta esborrachada. Os meus companheiros fizeram o mesmo.

Algures, um homem gritou. Depois outro. Vozes ergueram-se num coro infernal. Os nossos inimigos aproximaram-se, confusos e em pânico. Caras contorceram-se em agonia. Homens caíram, contorcendo-se, apertando os narizes e as gargantas. Tive o cuidado de cobrir a cara com a lã.

O homem alto e magro saiu das sombras. Calmamente, começou a despachar guerrilheiros com uma lâmina prateada de trinta centímetros. Poupano os clientes que não tínhamos atado às cadeiras.

Gesticulou:

— Já é seguro respirar.

— Vigiem a porta — disse-me o Rebuçado. Sabia que tinha aversão àquele tipo de chacina. — Otto, ocupa-te da cozinha. Eu e o Penhorista vamos ajudar o Silencioso.

Os Rebeldes no exterior tentaram atingir-nos com flechas apressadamente disparadas pela porta. Não tiveram sorte. A seguir, tentaram pegar fogo ao sítio. Madle sofreu paroxismos de raiva. O Silencioso, um dos três feiticeiros da Companhia, enviado para a Conta semanas antes, usou

os seus poderes para extinguir o fogo. Furiosos, os Rebeldes prepararam um cerco.

— Terão trazido todos os homens da província — disse-lhes eu.

O Rebuçado encolheu os ombros. Ele e o Penhorista empilhavam cadáveres em barricadas defensivas.

— Devem ter montado um acampamento algures por perto. — As informações que tínhamos sobre os guerrilheiros da Conta eram numerosas. A Senhora prepara-se bem antes de nos enviar, mas não nos fora dito que esperássemos uma força daquela dimensão reunida em tão pouco tempo.

Apesar dos nossos sucessos, tive medo. Havia uma grande turba lá fora e parecia haver mais gente a chegar com regularidade. O Silencioso, como ás escondido, não tinha grande valor.

— Enviaste o teu pássaro? — perguntei, supondo que tinha sido esse o motivo da sua subida ao andar de cima. Acenou com a cabeça. Aliviava-me um pouco. Mas não muito.

O alarido mudou. Ficaram mais sossegados lá fora. Mais flechas voaram pela porta, que tinha sido arrancada às dobradiças no avanço original. Os corpos empilhados sobre ela não abrandariam muito os Rebeldes.

— Virão — disse eu ao Rebuçado.

— Muito bem. — Juntou-se a Otto na cozinha. O Penhorista juntou-se a mim. O Silencioso, parecendo malévolos e mortíferos, posicionou-se no centro da taberna.

Um rugido ergueu-se no exterior.

— Vêm aí!

Aguentámos a primeira carga, com a ajuda do Silencioso, mas outros começaram a golpear as portadas. A seguir, o Rebuçado e Otto tiveram de abandonar a cozinha. O Rebuçado matou um atacante demasiado empenhado e afastou-se durante tempo suficiente para berrar:

— Onde raio estão eles, Silencioso?

O Silencioso encolheu os ombros. Parecia quase indiferente à proximidade da morte. Lançou um feitiço a um homem que entrava com ajuda por uma janela.

Trompas soaram na noite.

— Ah! — gritei. — Vêm a caminho! — A armadilha fechou-se por completo.

Uma questão permanecia. A Companhia chegaria antes de os atacantes acabarem connosco?

Mais janelas cederam. O Silencioso não podia estar em toda a parte.

— Para as escadas! — gritou o Rebuçado. — Recuem para as escadas.

Corremos até lá. O Silencioso invocou uma névoa nociva. Não era o vapor mortal que usara antes. Não podia voltar a fazê-lo. Não tinha tempo para se preparar.

As escadas foram defendidas com facilidade. Dois homens, com o Silencioso atrás deles, conseguiriam defendê-las para sempre.

Os Rebeldes perceberam-no. Começaram a atear fogos. Daquela vez, o Silencioso não conseguiu extinguir todas as chamas.

ZIMBRO: KRAGE



A PORTA DA FRENTE ABRIU-SE. DOIS HOMENS ENTRARAM NO Lírío, bateram com os pés e sacudiram o gelo de cima. Cabana aproximou-se para ajudar. O homem maior afastou-o com um empurrão. O mais baixo atravessou a taberna, pontapeou Asa para longe da fogueira e agachou-se com as mãos estendidas. Os convidados de Cabana fitaram as chamas, não vendo nem ouvindo nada.

Com a exceção do Corvo, percebeu Cabana. O Corvo parecia interessado sem ficar particularmente perturbado.

Cabana transpirou. Por fim, Krage virou-se.

— Não vieste ontem, Cabana. Tive saudades tuas.

— Não pude, Krage. Não tinha nada para te levar. Vê a minha caixa de dinheiro. Sabes que te pagarei. Pago sempre. Só preciso de algum tempo.

— Atrasaste-te na semana passada, Cabana. Fui paciente. Sei que tens problemas. Mas também te atrasaste na semana antes dessa. E na anterior. Arruínas-me a reputação. Sei que és sincero quando dizes que me pagarás. Mas que pensarão as pessoas? Hã? Talvez comecem a pensar que também podem atrasar-se. Talvez comecem a pensar que não precisam de pagar.

— Krage, não posso. Vê a minha caixa. Logo que o negócio melhore...

Krage gesticulou. O Ruivo estendeu uma mão para o interior do balcão.

— O negócio está mau por toda a parte, Cabana. Também tenho problemas. Tenho despesas. Não posso pagar as minhas se não pagares as tuas. — Caminhou pela taberna, examinando o recheio. Cabana

consequia ler-lhe a mente. Queria o Lírio. Queria Cabana num buraco tão fundo que precisasse de entregar o estabelecimento.

O Ruivo passou a caixa de Cabana a Krage. Krage fez uma careta.

— O negócio está realmente mau. — Gesticulou. O homem corpulento, o Conde, segurou os ombros de Cabana por trás. Cabana quase desmaiou. Krage esboçou um sorriso malvado. — Revista-o, Ruivo. Vê se esconde alguma coisa. — Esvaziou a caixa de dinheiro. — Para aliviar a dívida, Cabana.

O Ruivo encontrou a leva de prata que o Corvo dera a Cabana.

Krage abanou a cabeça.

— Cabana, Cabana, mentiste-me. — O Conde apertou-lhe os ombros de maneira dolorosa.

— Isso não é meu — protestou Cabana. — Pertence ao Corvo. Queria que comprasse lenha. Era por isso que ia a caminho do Latham.

Krage olhou-o. Cabana sabia que Krage percebia que dizia a verdade. Não tinha coragem de mentir.

Cabana tinha medo. Krage podia dar cabo dele apenas para lhe entregar o Lírio em troca da vida.

E depois? Não teria um gersh e estaria na rua com uma velha a seu cargo.

A mãe de Cabana amaldiçoou Krage. Todos a ignoraram, incluindo Cabana. Era inofensiva. A Amorosa atravessava-se na porta da cozinha, paralisada, com um punho à frente da boca e os olhos plenos de súplica. Olhava mais para o Corvo do que para Krage e Cabana.

— Que queres que parta, Krage? — perguntou o Ruivo. Cabana encolheu-se. O Ruivo gostava do seu trabalho. — Não devias esconder-nos coisas, Cabana. Não devias mentir ao Krage. — Esmurrou-o com ferocidade. Cabana engasgou-se e tentou tombar para diante. O Conde manteve-o na vertical. O Ruivo voltou a esmurrá-lo.

Uma voz serena e fria afirmou:

— Ele disse a verdade. Mandei-o comprar lenha.

Krage e o Ruivo viraram-se. O Conde não afrouxou os dedos.

— Quem és tu? — questionou Krage.

— Corvo. Deixa-o.

Krage trocou um olhar com o Ruivo. O Ruivo disse:

— Acho melhor não fales assim com o Sr. Krage.

O Corvo ergueu o olhar. Os ombros do Ruivo encolheram-se num

gesto defensivo. A seguir, percebendo que era observado, avançou e desferiu um golpe com a mão aberta.

O Corvo segurou-lhe a mão em pleno movimento e torceu-a. O Ruivo caiu de joelhos, gemendo com os dentes cerrados. O Corvo disse:

— Isso foi estúpido.

Espantado, Krage respondeu:

— Quem pretende ser esperto não faz coisas estúpidas, amigo. Deixa-o ir enquanto tens saúde.

O Corvo sorriu. Cabana não se lembrava de o ter visto sorrir antes.

— Isso não foi esperto. — Ouvia-se um estalo. O Ruivo gritou.

— Conde! — gritou Krage.

O Conde atirou Cabana para o lado. Tinha o dobro do tamanho do Ruivo e era rápido, forte como uma montanha e pouco mais inteligente do que uma. Ninguém sobrevivia ao Conde.

Uma adaga de vinte centímetros com aspeto cruel surgiu na mão do Corvo. O Conde parou tão abruptamente que tropeçou. Caiu para diante, batendo na esquina da mesa do Corvo.

— Oh, merda — gemeu Cabana. Alguém morreria. Krage não toleraria aquilo. Era mau para o negócio.

Porém, enquanto o Conde se erguia, Krage disse:

— Conde, ajuda o Ruivo. — O seu tom era coloquial.

O Conde virou-se obedientemente para o Ruivo, que se tinha arrastado para longe para se curvar sobre o pulso.

— Talvez tenhamos aqui um pequeno mal-entendido — disse Krage. — Vou explicar melhor, Cabana. Tens uma semana para me pagares. Tudo.

— Mas...

— Sem mas, Cabana. São as condições. Mata alguém. Rouba alguém. Vende esta espelunca. Mas consegue o dinheiro. — As alternativas não precisaram de ser explicadas.

Vou ficar bem, prometeu Cabana a si mesmo. Não me fará mal. Sou um cliente demasiado bom.

Como conseguiria o dinheiro? Não podia vender tudo. Não com a proximidade do inverno. A velha não sobreviveria na rua.

Ar frio entrou subitamente no Lírío enquanto Krage parava à porta. Arregalou os olhos para o Corvo. O Corvo não se deu ao trabalho de olhar para trás.

— Um pouco de vinho para aqui, Cabana — disse o Corvo. — Parece-me que entornei o meu.

Cabana apressou-se apesar das dores. Não conseguiu impedir-se de sentir admiração.

— Obrigado, Corvo, mas não devias ter interferido. Vão matar-te por isto.

O Corvo encolheu os ombros.

— Vai ao vendedor de lenha antes que mais alguém roube o meu dinheiro.

Cabana olhou para a porta. Não queria sair. Podiam esperá-lo. A seguir, olhou outra vez para o Corvo. O homem limpava as unhas com aquela faca malévola.

— Imediatamente.

Começara a nevar. A rua estava traiçoeira. Uma fina película branca cobria a lama.

Cabana tentou perceber porque é que o Corvo se teria envolvido. Para proteger o seu dinheiro? Uma explicação razoável... Só que os homens razoáveis mantinham o silêncio perto de Krage. Ele cortava o pescoço a quem o olhasse da maneira errada.

O Corvo era novo por ali. Talvez não conhecesse Krage.

Aprenderia da forma mais difícil. A sua vida deixara de valer dois gersh.

O Corvo parecia abonado. Não traria a sua fortuna inteira com ele, pois não? Talvez mantivesse uma parte escondida no seu quarto. Talvez chegasse para pagar a Krage. Talvez pudesse atraiçoar o Corvo. Krage gostaria disso.

— Vejamos o dinheiro — disse Latham quando ele pediu lenha. Cabana mostrou a leva de prata do Corvo. — Ah! Quem morreu desta vez?

Cabana corou. Uma velha prostituta tinha morrido no Lírio no inverno passado. Cabana vasculhara os seus pertences antes de chamar os Custódios. A sua mãe passara o resto do inverno quente. O Coturno inteiro soube porque ele cometeu o erro de contar a Asa.

Tradicionalmente, os Custódios ficavam com os objetos pessoais dos mortos recentes. Isso e os donativos sustentavam-nos e às Catacumbas.

— Não morreu ninguém. Um hóspede enviou-me.

— Ah! O dia em que tiveres um hóspede com posses suficientes para

ser generoso... — Latham encolheu os ombros. — Mas que me importa? A moeda vale. Não preciso de saber de onde veio. Leva alguma lenha. Vais na sua direção.

Cabana cambaleou de volta ao Lírio, com a face corada e as costelas doridas. Latham não se deu ao trabalho de camuflar o seu desdém.

De volta a casa, com o fogo consumindo carvalho bom, Cabana encheu duas canecas com vinho e sentou-se em frente do Corvo.

— Por conta da casa.

O Corvo olhou por um instante, bebeu um gole e colocou a caneca num ponto preciso do tampo da mesa.

— Que queres?

— Agradecer-te outra vez.

— Não há nada para agradecer.

— Então, para te avisar. Não levaste o Krage suficientemente a sério.

Latham entrou com um braçado de lenha, resmungando por não ter conseguido trazer a carroça. Passaria muito tempo a ir e vir.

— Vai-te embora, Cabana. — E, enquanto Cabana se erguia, sentindo a cara quente, o Corvo continuou: — Espera. Achas que me deves alguma coisa? Nesse caso, pedir-te-ei um favor, um dia. E farás o que te pedir. Certo?

— Claro, Corvo. Qualquer coisa. Basta dizeres.

— Senta-te à lareira, Cabana.

Cabana enfiou-se entre Asa e a sua mãe, juntando-se ao silêncio abatido que partilhavam. Aquele Corvo era realmente sinistro.

O homem em questão ocupava-se com uma animada troca de gestos com a criada surda.